

GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

ISSN 2177-3688

**DAHLBERG E A TEORIA DO CONCEITO COMO CONTRIBUTO PARA A CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO**

***DAHLBERG AND HIS THEORY OF THE CONCEPT AS A CONTRIBUTION TO INFORMATION
SCIENCE***

Bruno Almeida - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Patrícia Reis - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Adriana Rosa - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Samir Lion - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo analisar e identificar a importância da pesquisadora alemã Ingetraut Dahlberg e a sua Teoria do Conceito. Parte de um estudo bibliográfico da vida e obra produzida pela teórica com vistas a abordar o desenvolvimento e a aplicação da teoria, como objetivo importante e necessário para a construção dos vocabulários controlados e tesouros. O trabalho demonstrou que definir conceito não é uma atividade simples e o conhecimento do cotidiano auxilia na elaboração de definição e enriquecimento de conceitos, de argumentos e da comunicação verbal. Desse modo, acaba por apresentar a sua teoria para facilitar os indivíduos a conhecerem os objetos que o cercam e também a si mesmos. Ainda, apresenta os feitos de Dahlberg enquanto pesquisadora, como fundadora da Sociedade Internacional para Organização do Conhecimento (ISKO), em 1989, evento internacional de discussão científica, assim como as considerações e contribuições para organização e representação da informação e do conhecimento, e consequentemente para a Ciência da Informação (CI).

Palavras-chave: Dahlberg; teoria do conceito; Ciência da Informação.

Abstract: This research aimed to analyze and identify the importance of the German researcher Ingetraut Dahlberg and her Concept Theory. It starts from a bibliographical study of the life and work produced by the theorist with a view to addressing the development and application of the theory, as an important and necessary objective for the construction of controlled vocabularies and thesauruses. The work demonstrated that defining a concept is not a simple activity and everyday knowledge helps in the elaboration of definition and enrichment of concepts, arguments and verbal communication. In this way, he ends up presenting his theory to make it easier for individuals to get to know the objects that surround them and also themselves. Furthermore, it presents Dahlberg's achievements as a researcher, as founder of the International Society for Knowledge Organization (ISKO), in 1989, an international scientific discussion event, as well as considerations and contributions to the organization and representation of information and knowledge, and consequently for Information Science (IS).

Keywords: Dahlberg; theory of concept; Information Science.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de um campo científico é fundamentado por pesquisadores que estudam e aprofundam temas e tendências teóricas e pragmáticas, a fim de situarem cientificamente o seu objeto de estudo no tempo e espaço. Muitos são aqueles que contribuíram para a solidificação da Ciência da Informação (CI) no Brasil e no mundo, como a importante pesquisadora alemã do século XX, Ingetraut Dahlberg.

Além de apresentar um estudo bibliográfico da vida e obra de Dahlberg, esta pesquisa teve como objetivo abordar a Teoria do Conceito (TC) e a sua importância para o campo da CI, visto que a proposta teórica de Dahlberg contribuiu ativamente para a organização e representação da informação e do conhecimento. Os estudos sobre o conceito das coisas, dos objetos e dos fatos para a construção de sistemas de classificação e linguagens ainda é uma atividade em constante aperfeiçoamento, sendo alguns trabalhos desenvolvidos e fundamentados na análise dos objetos e das noções.

Atualmente, as pesquisas se concentram no estudo sistemático de conceitos e aplicação em âmbito digital. É necessário, porém, a compreensão da trajetória, do contexto de vida e da experiência profissional que possivelmente contribuíram para a formação de suas teorias, neste caso, a vida de Dahlberg como contributo para o desenvolvimento de sistemas conceituais e para solidificação da CI.

2 INGETRAUT DAHLBERG, UMA CIENTISTA DA INFORMAÇÃO

A alemã Ingetraut Dahlberg foi uma importante pesquisadora na área da CI, sendo considerada a pioneira nos estudos sobre a organização do conhecimento, a fim de encontrar soluções para os sistemas de classificação. Sua carreira profissional tem passagem no Instituto Gmelin (Alemanha) e na biblioteca da Sociedade de Documentação Alemã, em Frankfurt.

Dahlberg participou e colaborou em diversos projetos, como no Comitê de pesquisa para Tesouro e Classificação e na Comissão da Federação Internacional de Documentação e Informação – Classificação Decimal Universal – Revisão da Classificação Decimal Universal (FID-UDC – Revision of UDC), em Haia, na Holanda, desenvolvendo um sistema de classificação de tipos de documentos e seus conceitos especiais orientados a assuntos que cobrem mais de mil conceitos.

Atuou ainda como consultora no grupo do Sistema de Banco de Dados da República Federal da Alemanha do Ministério Federal Alemão; na coleção de termos que denotam campos de assuntos, projeto financiado pela Sociedade de Documentação Alemã; também contribuiu na elaboração do Projeto Logstruktur, da Fundação Alemã de Pesquisa, concebido para explorar as definições do campo assunto, rastreando diversos sinônimos e resultando na redução do número de campos de assuntos. E participou dos trabalhos do Instituto de Normalização Alemã, no qual foi confiada a cooperar em uma Comissão de Classificação e Indexação no Sistema de Informação Científica Internacional das Nações Unidas (UNISIST), liderado por Douglas John Foskett.

No início da década de 60, a UNESCO iniciou a tentativa de coordenação das atividades de documentação e informação em nível mundial e desenvolveu uma série de projetos que desembocaram, em 1971, na criação e desenvolvimento de um sistema mundial de informação científica que ficou conhecido como Unisist (United Nations International System for Information in Science and Technology). Em 1976, a UNESCO, com o objetivo de harmonizar as atividades de informação nas diferentes áreas, criou o Programa Geral de Informação (PGI), que passou a coordenar todas as ações da organização referentes à informação, incorporando, portanto, Natis e Unisist (SILVA, 1994).

Dahlberg aliou a experiência prática adquirida ao longo dos anos profissionais aos estudos que realizava desde o doutorado para o desenvolvimento da sua teoria. Ao mesmo tempo, criou um sistema de classificação universal dos campos do conhecimento chamado Classificação de Codificação da Informação (ICC), publicado em 1982 (GOMES; VARELA, 2013, p. 1342). Doutora em filosofia, sua tese intitulada *O sistema de classificação universal do conhecimento: sua ontológica ciência teórica e fundamentos teóricos da Ciência da Informação* aborda a história de sistemas de classificação, o exame dos fundamentos de classificação e propõe um possível sistema de classificação universal.

Ao fundar o antigo periódico da Classificação Internacional (1974), publica pela primeira vez artigo que abordava a TC, proposição importante e necessária para a construção dos vocabulários controlados e tesouros. Devido ao fato de os conceitos se relacionarem entre si, sendo distribuídos no estabelecimento das relações entre as diversas categorias, tornam-se possíveis a estruturação e os arranjos sistemáticos do conhecimento (DAHLBERG, 1978).

3 DAHLBERGH E A SUA TEORIA DO CONCEITO

Com o auxílio da linguagem, o homem foi capaz de relacionar-se com vários objetos que o circundavam e elaborar enunciados sobre eles. Segundo Dahlberg (1978, p. 11), “a distribuição entre objetos materiais e ideais ou outras realidades humanas pode valer como pressuposto para a nossa necessidade de apreensão do conhecimento desses mesmos objetos através dos conceitos”. Para tanto, Moreira (2018, p. 25) explica:

Compreender a classificação apenas por sua natureza metodológica é dimensionar a classificação em seus aspectos aplicados. Na verdade, as ações de compreender, organizar, descrever e representar o conhecimento são todas ações de classificação. A classificação, enquanto atividade cognitiva, subjaz às noções de compreensão, organização (da informação e do conhecimento), descrição e representação.

A teoria elaborada por Dahlberg teve como base a produção de Ramamrita Ranganathan, que promoveu seus estudos associados às pesquisas sobre classificação, às relações dos conceitos e ao resgate das formulações de Aristóteles. E baseou-se também na Teoria Geral da Terminologia de Eugene Wüster (MELO e BRÄSCHER, 2014). Por isso, Gomes (2021, p. 191) afirma que esses três autores têm em comum “o conceito como ponto de partida e seus elementos, a saber, a definição, o relacionamento entre os conceitos — vale dizer, o sistema de conceitos, a classificação”. De acordo com Gomes e Varela (2013, p. 1343):

Para Dahlberg (1978) o conceito consiste no agrupamento de ‘predicados relacionados com um determinado objeto do mesmo conceito. Cada predicado indica uma característica (elemento). Os conceitos se relacionam entre si, sendo distribuídos no estabelecimento das relações entre as diversas categorias.

Medeiros (2010) lembra que algumas normas da International Organization for Standardization (ISO) definem conceito como sendo “unidades de pensamento” ou ainda “constructos mentais”. Além do mais, Azevedo Netto (2008, p. 53) assinala que “os conceitos devem ser construídos, em função de sua precisão, a partir de enunciados aceitos como verdadeiros”. Para Dahlberg, essas definições levam à construção individualizada do conceito, dando a entender que este esteja presente apenas na mente dos sujeitos, por isso a autora propõe o conceito como “unidades de conhecimento”.

Essas “unidades do conhecimento” chamadas conceito são formadas por meio de enunciados elaborados por meio da linguagem, que consiste em um meio usado para transmissão de uma mensagem. Para Dahlberg (1978, p. 101) “a linguagem constitui a capacidade do homem designar os objetos que o circundam assim como comunicar-se com os seus semelhantes”. Algumas linguagens são utilizadas para as necessidades da vida diária

e denomina-se linguagens naturais. Além dessas, o homem criou outras, chamadas linguagens especiais, ou linguagens artificiais ou linguagens formalizadas. São exemplos desse tipo de linguagem a linguagem da química, da matemática, da lógica, dos sistemas de classificação, da física, entre outros tipos.

A partir de então, Dahlberg passa a classificar os objetos em individuais e gerais. Os primeiros são caracterizados pela presença das formas de tempo e espaço, como exemplo, poder citar esta casa, esta mesa, este automóvel, esta partida de futebol, este livro, este jornal, esta cadeira, este computador, esta geladeira, este armário, este fogão, esta camisa, este celular etc. Os objetos gerais são aqueles situados fora do tempo e do espaço, cujo estudo e o conhecimento são de extremo interesse na análise das bases do processo classificatório. São exemplos desses objetos: a casa, a mesa, o automóvel, a partida de futebol, o quadro, o caderno, a moto, o copo, os óculos, o jornal, a cadeira, a cama, a rosa etc.

A partir do conhecimento das características dos objetos individuais e gerais, podemos chegar ao conceito desses objetos. Engelkamp (1976 *apud* DAHLBERG, 1978) lembra que “os conceitos são conjuntos de predicados que permite reunir os dados ou a realidade em classe”. Para Dahlberg (1978), “os conceitos seja eles individuais ou gerais, são aquilo formado pela reunião e compilação de enunciados verdadeiros a respeito de determinado objeto”. Segundo Medeiros (2010, p. 47):

Ao analisar um universo de itens e selecionar um item de referência, lida-se com o referente. As afirmações verdadeiras sobre este item podem ser expressas em determinada forma verbal, que utiliza um termo ou um nome. É a partir de então que se atinge o efeito, Dahlberg (1992, p. 65, tradução nossa) assume que um conceito ‘é criado pela predicação sobre um objeto de interesse, o também chamado referente’.

Logo, podemos concluir que um conceito é uma unidade do conhecimento formada pela reunião de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto ou aquilo que surge dos predicados necessários relacionados a determinado objeto. Dahlberg (1978) diz que, para firmar o resultado dessa reunião ou compilação, é necessário de um instrumento constituído pela palavra ou por qualquer signo que possa traduzir e fixar essa compilação. Assim, Azevedo Netto (2008) explica que toda e qualquer prática informacional, quer seja no âmbito das ciências, das artes ou mesmo do cotidiano, possui uma estruturação que viabiliza a transferência da informação e a sua efetivação. Essa estruturação dá-se no nível discursivo

de cada comunidade informacional, estabelecendo suas normas e nexos de viabilização do fluxo informacional.

Os conceitos podem ser individuais ou gerais. São exemplos de conceitos individuais: a Universidade Federal da Bahia (UFBA); a partida de futebol entre Bahia e Vitória, no dia 20 de agosto de 2016; o descobrimento do Brasil, no ano de 1500; entre outros. Sobre os conceitos individuais, afirma-se que sejam aqueles situados no tempo e no espaço, e que a soma dos enunciados verdadeiros forneça o conceito individual sobre determinado objeto. Os conceitos individuais podem ser representados pela seguinte equação:

$$Ci = E1 + E2 + E3 + \dots\}$$

Onde Ci é igual a “conceito individual” e E é igual a “enunciado verdade”, por exemplo:

- Instituto de Ciência da Informação (ICI - UFBA):

- 1- tem os cursos de arquivologia e biblioteconomia;
- 2- pertence à Universidade Federal da Bahia;
- 3- situado em Salvador.

Os conceitos gerais não estão situados no tempo e espaço e podem ser entendidos como o conjunto de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto. Como exemplo de conceitos gerais, temos as universidades, as partidas de futebol, as descobertas marítimas etc. Assim, o conjunto de enunciados verdadeiros sobre algo constitui o conceito geral, podendo também ser apresentado pela seguinte representação de conjunto:

$$Cg = \{ E1, E2, E3, E4 \dots \}$$

Onde Cg é igual a “conceito geral” e E é igual a “enunciados verdadeiros”, por exemplo:

- Instituto:

- 1 - organização permanente criada com propósitos definidos;
- 2 - parte de uma instituição;
- 3 - é constituída de um grupo de pessoas;
- 4 - localizado em determinado lugar etc.

Dahlberg (1978, p. 102) nos lembra de que os conceitos, individual e geral, são formados de elementos que se unem entre si em uma unidade estruturada. Sendo os elementos contidos nos conceitos gerais encontrados nos conceitos individuais, “portanto, é possível reduzir os conceitos individuais aos gerais e ordená-los de acordo com os conceitos

gerais”. Sobre os elementos do conceito, também conhecido como elementos do conhecimento, abordado anteriormente, Dahlberg (1978, p. 13) explica que:

Essas unidades, enquanto elementos de conhecimento podem também ser entendidos como elementos de conceito. Foram também chamadas características do conceito. Estas características não devem ser confundidas com as propriedades do conceito, como por exemplo, a propriedade de pertencer à determinada categoria, de ter relações, de possuir intensão e extensão, etc.

Dessa forma, os elementos dos conceitos são componentes respectivos contidos em todo enunciado sobre objetos, que se identificam com as chamadas características dos conceitos e traduzem os atributos das coisas designadas. Para Dahlberg (1978, p. 14), “os predicados que se mostram para a devida expressão do conceito são as propriedades precisas para que se possa entender o conceito de ‘jogo de xadrez’”. E é com base nessas propriedades que se pode perguntar de que jogo se trata. O correspondente jogo de salão é certamente conhecido de quase todos desde a juventude.

Ao fazer uma análise do conceito, Dahlberg (1978) aborda sobre a tipologia das características. Para a autora, essas características diferem em simples e complexas. As simples são aquelas que se referem a uma única propriedade do objeto, como a cor, forma, formato. E as complexas são aquelas que dizem respeito a mais de uma característica do objeto, como os materiais utilizados (tinta, papel, metal etc.).

Além de apresentar a tipologia das características dos conceitos, a autora também apresenta a contribuição da ordem para os conceitos. Essa ordem, segundo Dahlberg (1978), depende sempre dos objetos cujos conceitos são constituídos pelas mesmas características, sendo a distinção dessas características em duas espécies: as características essenciais necessárias (características constitutivas da essência e características consecutivas da essência) e as características acidentais, adicionais ou possíveis (características acidentais gerais e características acidentais individualizadas). As características essenciais consecutivas dependem das características essenciais constitutivas, assim como as características acidentais, tanto gerais como individualizadas, dependem de fatores externos e de condições acidentais.

A autora deixa claro que, quando “diferentes conceitos possuírem características idênticas, deve-se admitir que entre eles existem relações”, pois esse fato tem importância na ordenação dos conceitos (DAHLBERG, 1978, p. 104). Exemplo: se tivermos os conceitos

semear, colher, transportar a colheita, preparar o solo, arar o solo, existe uma característica comum a eles que é a atividade agrícola. Em síntese, Dahlberg (1978, p. 11) estabelece que:

- 1 As características dos conceitos são obtidas por meio dos predicados (enunciados);
- 2 Os conceitos possuem elementos que são as respectivas características;
- 3 Um conjunto de características determina um conceito;
- 4 Os conceitos são unidades de conhecimento constituídas pelas características dos objetos associados a elementos linguísticos.

Assim, podemos concluir que o aspecto teórico-quantitativo dos conceitos até aqui exposto serve como ajuda e base para melhor esclarecer a natureza das relações entre os mesmos conceitos.

3.1 Relações entre conceitos, suas espécies e definição

As relações entre conceitos acontecem quando a comparação entre suas características mostra que dois conceitos diferentes possuem uma ou duas atributos em comum. Medeiros (2010) explica que é a partir da Teoria do Conceito que se percebem as relações entre eles. E essas relações têm a função de ligar conceitos, permitindo, por exemplo, que determinadas máquinas possam realizar inferências a partir de conceitos distintos e das relações permitidas entre eles, como é caso das ontologias.

Dahlberg (1978) distingue as relações entre formais e materiais. Para Medeiros (2010), essas relações também podem ser compreendidas como quantitativas e qualitativas, sendo que a primeira compara dois conceitos distintos de acordo com uma visão formal. Um exemplo são as relações lógicas, que, de acordo com Dahlberg (1978, p. 104), são baseadas na posse de características comuns e logicamente possíveis:

Identidade $A (x, x, x) B (x, x, x)$	As características são as mesmas;
Implicação $A (x, x) B (x, x, x)$	O conceito A está contido no conceito B;
Intersecção $A (x, x, o) B (x, o, o)$	Os dois conceitos coincidem algum elemento;
Disjunção $A (x, x, x) B (o, o, o)$	Os conceitos se excluem mutuamente, Nenhuma característica em comum;
Negação $A (x, x, o) B (o, x, o)$	O conceito A inclui uma característica cuja negação se encontra em B.

Sobre a segunda divisão, Medeiros (2010) sinaliza que ela pode ser dividida conforme os seus relacionamentos. Ou seja, havendo similaridade entre as características dos conceitos, é possível abordar a relação conceitual presente entre eles, a saber:

“formal/categorial, material-paradigmática e funcional sintagmática”. Descritas como segue abaixo:

- a) Relação formal/categorial: esta relação depende do conceito referente escolhido e tem sua base no processo de categorização do mesmo.
- b) Relação material-paradigmática: é uma relação que depende da categoria fundamental do objeto do conceito. E pode ser subdividida em:
 - I – Relações hierárquicas: são relações em que dois conceitos possuem características idênticas e um deles possui uma característica a mais do que o outro.
 - II - Relação partitiva: são relações que existe entre o conceito de um todo ou inteiro e qualquer uma de suas partes.
 - III - Relação de oposição: é uma relação em que um conceito se opõe ao outro, também compreendida como relação de contrariedade entre os conceitos.
- c) Relação funcional-sintagmática: aqui estão inseridas as relações associativas. Dependendo da necessidade, de forma obrigatória ou facultativa, algumas características podem ser identificadas, tais como: instrumentalidade, condição, co-ocorrência, lugar, causalidade, modalidade, resultado, tempo, finalidade, potencialidade, etc. (MEDEIROS, 2010)

Com relação às espécies dos conceitos, Dahlberg (1978, p. 15) lembra que:

Importante função na construção dos sistemas de conceitos têm as chamadas diferenciações de conceitos segundo os próprios objetos. Falamos de conceitos de objetos, conceitos de propriedades e conceitos processos. A estes conceitos podem ser acrescentados outros de acordo com a categoria a que o predicado do objeto pertence. Será então possível novamente estabelecer o conteúdo de um predicado com base no objeto de outro predicado.

A autora também caracteriza as espécies de conceito da seguinte maneira:

- A. Objetivos. Ex.: plantas, produtos, montanha, papel, etc.
- B. Fenômenos. Ex.: crescimento, chuva, barulho, tráfego, etc.
- C. Processos. Ex.: imprimir, produção, sintetizar, etc.
- D. Propriedades. Ex.: cego/cegueira, suave/suavidade, etc.
- E. Relações. Ex.: causalidade, necessidade.
- F. Dimensão. Ex.: espaço, tempo, posição, etc. (DAHLBERG, 1978, p. 105)

As classificações facetadas utilizam essa espécie de categorização dos conceitos. Com relação a essa categorização, é importante notar que existem possibilidades inúmeras de combinações dessas categorias de conceitos, como A+A, A+B, A+C, B+B, B+C, B+D, B+F, C+A, D+C. Elas apresentam, em geral, as chamadas determinações conceituais, isto é, quando o conceito mencionado em primeiro lugar, quer se refira a um objeto, quer a uma propriedade, funciona como elemento determinante para a combinação. Exemplo:

A +A = montanha de papéis

A + B = crescimento das plantas

A + C = irrigação da terra

B + B = chuva no tráfego

B + C = crescimento da produção

B + D = barulho suave

B + F = tempo de chuva

C + A = produção de papéis

D + C = combate ao barulho

Para Dahlberg (1978), a maioria dessas combinações depende muito da língua. Elas também podem ser usadas de maneira informativa e são utilizadas como descritores nos tesaurus, podendo, alguma vezes, também produzir aquilo que chamamos de redundâncias indesejáveis. Isso porque:

O conceito de representação está presente tanto nos sistemas quanto nos processos de organização do conhecimento. Considera-se que os conceitos de 'organização' e de 'representação' são pragmaticamente indissociáveis, uma vez que o 'conhecimento' que é objeto da organização, em sentido estrito, é materializado (representado) em um registro. (MOREIRA, 2018, P. 26)

Até agora, mergulhos foram realizados no universo dos conceitos e aprendemos muito sobre ele por meio dos estudos realizado por Dahlberg. Para completar ainda mais o nosso entendimento, precisamos lembrar também um pouco sobre aquilo que Dahlberg chamou de definição de conceitos. Assim sendo, Dahlberg (1978, p. 106) diz o seguinte:

Seja como for, quaisquer que sejam as opiniões a respeito das definições, existe consenso no afirmar que as definições são pressupostos indispensáveis na argumentação e nas comunicações verbais e que consistem elementos necessários na construção de sistemas científicos. Por conseguinte, parece hoje mais do que em qualquer outra época necessário fazer todos os esforços a fim de obter definições corretas dos conceitos, tanto mais que o contínuo desenvolvimento do conhecimento e da linguagem conduz-nos à utilização de sempre novos termos e conceitos cujo domínio nem sempre é fácil manter.

Nota-se, a partir das palavras acima escritas, que a definição é algo de fundamental importância na argumentação, nas comunicações verbais e para a construção de sistemas científicos. Por isso, hoje, mais do que em qualquer período, devemos nos esforçar para obter definições corretas dos conceitos, pois, segundo Dahlberg (1978, p. 106), “é pelo domínio perfeito das estruturas dos conceitos que será possível obter também perfeita equivalência verbal.”

Diante dos enunciados verdadeiros acerca de determinado objeto, a definição tem a função de limitar esses enunciados, fixando os limites do conceito ou da ideia. Dahlberg (1978) mostra que, para fazer uma definição, teremos uma equação a qual de um lado encontramos aquilo a ser definido e do outro aquilo pelo qual alguma coisa é definida. Abaixo, segue uma demonstração da equação da definição: Ob – df

Ob – é o objeto ou coisa a ser definido e é colocado à esquerda.

df – é a delimitação ou fixação do conteúdo de um conceito e colocado à direita. Esse símbolo também indica a intensão de efetuar uma definição.

Abaixo, vamos aplicar essa equação para definir alguns objetos a fim de facilitar o entendimento. Segue:

- Carro = df veículo ou automóvel que se locomove sobre rodas e transporta passageiros ou mercadorias.
- Cavalo = df grande mamífero, herbívoro, da família dos equídeos, de cascos resistentes, domesticado pelo homem, usado como animal de montaria e tração, de muita utilidade.
- Escola = df estabelecimento público ou privado destinado ao ensino, composto de professores, alunos e funcionários.

A definição parece ser de grande valia para os conceitos, principalmente para os gerais, pois, segundo Dahlberg (1978, p. 106), eles precisam ser bem claros para os objetos aos quais se referem, diferentemente dos conceitos individuais, que possuem seus próprios objetos bem determinados, devido à presença do tempo e do espaço.

Percebe-se que definir um conceito não é uma tarefa tão simples e nosso conhecimento de mundo nos ajuda muito a elaborar definições e a enriquecer os nossos conceitos, argumentos e nossa comunicação verbal.

4 CONTRIBUIÇÕES PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Em 2012, quando questionada sobre a sua contribuição para o campo, Dahlberg, em entrevista concedida ao seu sobrinho Gerhard Romen, responde que o interesse pela filosofia ajudou-a a encontrar uma nova compreensão do conceito e, nessa base, o desenvolvimento de um novo sistema de classificação universal, a ICC, que é um sistema facetado baseado na teoria de campos de assunto, para o qual tinha as fundações em sua dissertação de 1973.

Dahlberg considera como realização mais significativa da CI a criação de dicionários, mesmo os facetados, e sua posterior standardização. Em segundo lugar, o desenvolvimento de recuperação de informação informatizada. E encerra a entrevista comunicando o seguinte aos jovens que queiram seguir carreira na CI:

A Ciência da Informação pressupõe a existência de conhecimentos de uma forma mais ou menos organizada. Por isso, é necessário adquirir tais conhecimentos e aprender sobre todas as peças e as circunstâncias possíveis, tais como fontes, sistemas, métodos e técnicas, pessoas e instituições ativas, a fim de criar para si mesmo uma base para quaisquer atividades de informação e de um possível serviço à humanidade.

Seu legado importante para a CI foi a fundação da Sociedade Internacional para Organização do Conhecimento (ISKO), a qual Guimarães (2017) trata como um elemento-marco, na medida em que se configurou, em âmbito internacional, um espaço para abrigar os avanços investigativos, a interlocução científica e a divulgação de um conhecimento produzido por meio de uma efetiva sistemática de publicações.

Criada em julho de 1989, na Alemanha, por Ingetraut Dahlberg, a partir de uma cisão ocorrida no âmbito da antiga Society for Classification, a ISKO conseguiu constituir, ao longo de um quarto de século, uma complexa estrutura composta por capítulos nacionais ou regionais (Alemanha/Áustria/Suíça, Brasil, Canadá/Estados Unidos, China, Espanha/Portugal, França, Índia, Irã, Itália, Maghreb, Polônia e Reino Unido, que congregam, hoje, mais de 600 pesquisadores, com o intuito de “promover a pesquisa, o desenvolvimento e a aplicação de sistemas de OC que possam gerar avanços nas abordagens filosófica, psicológica e semântica de ordenar o conhecimento; prover meios de comunicação entre seus membros; e funcionar como um ponto de conexão entre instituições nacionais e internacionais que se dediquem a questões relativas à organização do conhecimento” (ISKO). (GUIMARÃES, 2017, P. 14).

Os artigos e publicações são divulgados por meio dos anais e da revista científica *Knowledge Organization*, periódico internacional publicado sob a responsabilidade da ISKO, a a partir em 1993, substituindo o periódico *International Classification* entre 1974 e 1992 (LIMA, 2015).

Porém, o periódico *Knowledge Organization* traz como missão a divulgação de trabalhos que representem contribuições para o desenvolvimento de novos conhecimentos sobre a teoria do conceito, classificação, indexação e representação do conhecimento. Nota-se, portanto, que as áreas Classificação e Organização do Conhecimento são muito próximas, tanto no embasamento teórico, quanto em suas atividades práticas (LIMA, 2015, P. 671).

No Brasil, as contribuições de Dahlberg também são discutidas epistemologicamente na CI. As abordagens de pesquisa sobre conceito versam nas mais diversas temáticas teóricas, como os mecanismos de representação e transferência da informação a partir da

estruturação e uso de conceitos (AZEVEDO NETTO, 2008), a elaboração de bancos de termos inteligentes e sua aplicação em tesouros, ontologias e terminologias (GOMES, 2021) ou como a perspectiva do conceito como a unidade principal da representação temática da informação (MELO E BRÄSCHER, 2014).

Em suas pesquisas, Gomes (2017), Campos (2021) e Melo e Brascher (2014) são unânimes em afirmar a contribuição de Dahlberg e a TC na CI brasileira. Para elas, a TC costura princípios de classificação e de terminologia sistemática, visto que fornece princípios para definições reais quando parte da definição dos referentes no mundo para determinar suas características essenciais. Melo e Brascher (2014) ressaltam características positivistas no estudo de Dahlberg quando a objetividade, o dogmatismo, o essencialismo e o representacionismo se tornam presentes.

Para além da classificação facetada dos tesouros, a TC elaborada por Dahlberg parece ser um manual que pode ajudar os indivíduos a conhecerem os objetos que os cercam e a si mesmos. Com relação às contribuições de Dahlberg, Gomes e Varela (2013) afirmam:

As pesquisas e contribuições teóricas para o campo da ciência da informação se deram sob uma perspectiva rangianthiana de conceber a organização do conhecimento dentro de parâmetros de flexibilidade no estabelecimento de relações entre as diversas áreas do conhecimento, tendo sempre como meta ampliar as possibilidades de recuperação e acesso à informação.

Na sua última publicação, o livro *Organização do conhecimento: desenvolvimento, objeto, aplicação, futuro* (2014), Dahlberg aborda, principalmente para os cientistas da computação, uma visão humanista acerca do tratamento de conteúdos relacionados aos seus dados. Abrange também a base teórica da sua ICC, mostrando seu potencial nas aplicações práticas. Por fim, recomendou o livro *Organização do conhecimento* a ser ancorado em universidades como uma disciplina própria em *Science of Science* ou Ciência da Ciência.

5 CONCLUSÃO

Nota-se, com base no estudo apresentado, a enorme contribuição de Dahlberg, desenvolvida a partir do seu fazer profissional e da TC para organização do conhecimento e a CI. Foi por meio da TC que houve a possibilidade de bases mais sólidas para o entendimento do que se trata de conceitos para fins de representação e recuperação de informação,

campos da ciência da informação tão ligados à biblioteconomia, e que servem como intermediários para uso e acesso de informação.

A TC se desenvolveu além dos estudos teóricos, mas também a partir da vida profissional, pois tal teoria se estabelece em uma ligação com a teoria da classificação, e posteriormente com as linguagens documentárias para elaboração de tesouros. Além disso, essa teoria possibilitou um método para fixação de conteúdo e para seu posicionamento no sistema. Logo, as bases que solidificam a Teoria do Conceito servem de sustentação para diversos outros estudos.

Os seus estudos são verificados a partir das suas obras, seja ela a Teoria do Conceito, sejam os Fundamentos Teórico-Conceituais da Classificação, como os encontros investigativos que ocorrem na ISKO.

Conhecer o saber produzido por essa autora, considerada como clássica para CI, é muito relevante para o conhecimento científico e para o entendimento dos objetos que circundam o homem e até mesmo a sua própria vida. Talvez, todos nós sejamos um conceito fixo nesse mundo infinito.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. A abordagem do conceito como uma estrutura semiótica. **Transinformação**, vol. 20, núm. 1, enero-abril, 2008, pp. 47-58. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/7Qd6yKSGd58QnLGQ456b4wc/?lang=pt>. Acesso em: 16 set 2023.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.

DAHLBERG, Ingetraut. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 9-21, 1978.

DAHLBERG, Ingetraut. **Grundlagen universaler Wissenordnung**. Munchen, Verlag Dokumentation, 1974, 366p.

GOMES, Henriette Ferreira; VARELA, Aida Varela. A organização do conhecimento para o acesso universal: as contribuições de Otlet, Bradford, Ranganathan, Dahlberg e Lancaster. In: CONGRESSO ISKO ESPANHA E PORTUGAL, 1. CONGRESSO ISKO ESPANHA, 11. 2013, Porto. **Informação e/ou conhecimento: duas faces de Jano: atas**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; CETAC-MEDIA, 2013. P. 1332-1348.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Organização do conhecimento: passado, presente e futuro sob a perspectiva da ISKO. **Informação & Informação**, n. 2, v. 22, p. 84-98, 2017.

Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45619>. Acesso em: 28 de jun 2023.

MEDEIROS, Jackson da Silva. A construção do conceito: aproximações complementares entre a análise de Michael Foucault e Ingetraut Dahlberg. **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.15, n.2, p. 41-53, jul./dez., 2010.

MOREIRA, Walter. Sistemas de organização do conhecimento: aspectos teóricos, conceituais e metodológicos. 2018. 164 f. **Tese** (livre-docência) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

ROMEN, Gerhard. **Dr. Ingetraut Dahlberg Oral history information**. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20150402162839/http://infoscileaders.libsci.sc.edu/asis/wp-content/uploads/2014/04/Dahlberg-Transcript.pdf>>. Acesso em 30 out 2023.

SILVA, Luiz Antônio Gonçalves da. **Programas de informação e documentação da Unesco e seu impacto na América Latina**. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/541/541>>. Acesso em 28 de jun 2023.

ALVES, Bruno Henrique. Ely Francina Tannuri de Oliveira. O desenvolvimento do domínio da "Organização do Conhecimento" no contexto da Ciência da Informação a partir da ISKO-Brasil. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**. 2016, v10 n2. p103. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/5985/4148>. Acesso em: 17 set 2023.

GOMES, Hagar Espanha. Terminologia e Estrutura conceitual. **PontodeAcesso**, [S. l.], v. 15, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/47464>. Acesso em: 17 set 2023.

GOMES, Hagar Espanha. Marcos históricos e teóricos da organização do conhecimento. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 33–66, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31442>. Acesso em: 17 set. 2023.

MELO, Maria Antônia Fonseca; BRÄSCHER, Marisa. Termo, conceito e relações conceituais: um estudo das propostas de dahlberg e hjarland. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 1, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/53071>. Acesso em: 17 set. 2023.

CAMPOS, Linair Maria. PRINCÍPIOS TEÓRICOS USADOS NA ELABORAÇÃO DE ONTOLOGIAS E SUA INFLUÊNCIA NA RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO COM USO DE INFERÊNCIAS. **PontodeAcesso**, [S. l.], v. 15, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/47472>. Acesso em: 17 set. 2023.

LIMA, Gercina Ângela. Organização do conhecimento: pesquisa e desenvolvimento. In: III Congresso Brasileiro em Organização e Representação do Conhecimento, ISKO-Brasil, 2015, Marília. **Anais do III Congresso Brasileiro em Organização e Representação do**

Conhecimento, ISKO-Brasil: Organização do conhecimento e diversidade cultural. Marília:
ISKO-Brasil, 2015. v. 3. p. 670-687. Disponível em:
<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/135583>. Acesso em: 17 set. 2023.